

O Sepultura na aldeia dos xavantes

SÃO PAULO – Rio das Mortes fica a duas horas de voo de Goiânia, a quatro horas de carro da estrada asfaltada mais próxima. Incrustada nesse pedaço da selva mato-grossense fica a aldeia xavante de Pimentel Barbosa, uma comunidade de 600 índios que viveram uma das mais curiosas experiências de sua existência no final da semana passada. Durante dois dias, eles hospedaram uma banda de *heavy metal*, uma das mais cultuadas do planeta, e tocaram, cantaram e nadaram com os cabeludos metaleiros.

Os roqueiros foram à tribo com espírito antropológico-musical. A tribo os recebeu com o costumeiro intuito hospitaleiro. O resultado será uma faixa de dois minutos e meio no novo disco da banda, *Roots*, que terá lançamento mundial em fevereiro de 1996.

A faixa ainda não tem nome. Foi gravada em três turnos. Numa noite de Lua Cheia, sem uma só fogueira acesa, pintados de preto e vermelho, os garotos do Sepultura, os irmãos Max e Igor, o baixista Paulo Jr. e o guitarrista Andreas Kisser, tocaram com 50 xavantes o Ritual para a Cura do Mundo, uma cerimônia de saúde da tribo.

Max Cavallera, vocalista, guitarrista e *bandleader* do grupo, saiu da experiência direto para um avião, que o levou de volta para Phoenix (Estados Unidos), onde vive com a mulher, a americana Gloria, e os filhos Zyon e Igor. De lá, ele concedeu esta entrevista (trechos), a primeira depois da vivência na selva.

Como foi lá na aldeia?

Max Cavallera – Foi uma das mais importantes experiências da minha vida, a sensação de voltar à simplicidade total. Nós gravamos com cerca

de 50 xavantes e a idéia era fazer a coisa da maneira mais rústica possível, não enfeitar muito para não perder a crueza e a simplicidade do som. O Paulo e o Igor tocaram instrumentos de percussão. O Igor tocou um timbau, que o Carlinhos Brown lhe deu. Eu e o Andreas tocamos violão. As gravações foram feitas em um gravador movido a bateria de oito canais, e o controle, em uma mesa de 16 canais, manipulados pelo técnico Evandro Lopes. Nós queríamos que os índios ficassem confortáveis na produção, que a gente não se tornasse um estorvo para eles. Acho que foi muito bom, uma coisa que nunca experimentei antes. Não foi só uma gravação, foi uma experiência de vida. Eles nos receberam e abriram seu território de uma maneira muito generosa. Não rolou distanciamento. Os dois – Sepultura e xavantes – tinham a mesma preocupação: valorizar a cultura mais antiga e autêntica. Quando vocês ouvirem o som e virem o filme que fizemos, vai dar para ter uma idéia do que foi aquilo.

Como os xavantes receberam vocês?

Cavallera – Olha, foi tudo incrível. Nós viajamos de Goiânia ao Rio das Mortes num teco-teco minúsculo, parecia um Karmann Ghia de tão apertado, todo mundo enfiado lá dentro e voando alto pra caramba. Já começou com um clima meio diferente. Depois, começa a sumir estrada, casa, e surge a tundra, a vegetação da região. Quando o avião finalmente desce, os xavantes já cercam para receber os visitantes. Tudo na aldeia tem certa cerimônia. Todos da tribo cumprimentam um por um os visitantes, levam a gente ao centro de uma cla-

reira, que os indigenistas chamam de parlamento, e começam a se apresentar, primeiro os mais importantes. Pedem que todos nos apresentemos no centro do parlamento, a banda, os *roadies*, minha mulher, todo mundo. Não tem estrela lá, é todo mundo igual. Ficamos dois dias vivendo como os xavantes, tomando banho de rio, encardidos de poeira, o corpo pintado. Para cada música eles têm uma pintura adequada. Nós gravamos no primeiro dia pintados com urucum, uma tinta vermelha, e no segundo dia pintamos a cara de preto e vermelho.

Sempre tiveram essa intenção de gravar com os índios?

Cavallera – Há muito tempo a gente pensa nisso. E desde *Arise*, quando gravamos na Indonésia, nós temos feito esse tipo de pesquisa sobre culturas mais antigas, nas raízes. Fizemos o clipe de *Territory* no deserto, com barro na cara. A gente tem aberto a cabeça em relação a culturas diferentes. Não fazemos isso com o propósito de encaixar o Sepultura nessa ou naquela tendência ou lançar um modismo. Os xavantes estão aí a vida toda e nunca ninguém pensou nisso, em fazer esse contato entre duas formas musicais extremas. É uma das coisas mais legais em termos de experiência. O som dos xavantes tem tudo a ver com o nosso. Não quer dizer que um dia a gente vá sair tocando bossa-nova, embora tenha gente na banda que goste: o Andreas toca nos ensaios. Tem de ser um som diferente e que tenha a ver. O som dos xavantes é guerreiro, tem peso. A tradução é a mesma que a do nosso som: peso, força, energia. (Da AE).